

Sotaques de uma voz de Cabo Verde

Mayra Andrade aproxima músicas de seu país das de Brasil, Cuba e outros

Leonardo Lichote

Há em Cabo Verde uma tradição dos povos rurais de contar histórias em torno da fogueira, sob as estrelas, sempre começando com a expressão crioula "stória, stória" — um equivalente ao nosso "era uma vez". A expressão batizou o segundo CD da cantora cabo-verdiana Mayra Andrade, lançado agora no Brasil pela Sony — como se a artista fosse iniciar seu relato, entrando numa cadeia de transmissão de cultura oral.

— "Stória, stória..." é o nome de uma das canções do disco. Quando percebi que cada música conta uma história, achei que seria um bom título para o CD — explica Mayra, que com seu primeiro disco ganhou prêmios de revelação na Europa. — Nessa tradição, ao fim da história, a pessoa diz "essa foi a história, quem souber contar melhor que fale" e passa a palavra para outro. No CD, quis dar um aceno para essa tradição.

Ao tomar a palavra para si em "Stória, stória...", Mayra faz como um contador que transmite o que ouviu acrescentando seu toque. Ao seu chão (ritmos cabo-verdianos, versos em crioulo), a cantora adiciona timbres e sonoridades de outros cantos do mundo — com músicos de lugares como França, Cuba, Guiné, Camarões e Brasil. Como o samba-reggae que soa inequívoco a ouvidos brasileiros em



MAYRA ANDRADE é fã de Jobim e Caetano: "Minha relação com música brasileira vem desde criança"

"Juána", mas que, Mayra explica, não é tão inequívoco assim:

— No CD (*gravado em Paris, Rio, São Paulo e Havana*), o encontro da música cabo-verdiana e a de outras culturas é feito de forma mais sutil que isso. Há muitos ritmos cabo-verdianos parecidos com os brasileiros ou cubanos. Em "Juána", aquilo parece samba-reggae, mas na verdade é um funaná, ou melhor, um funaná sambado, que traz influências do samba. Chamamos um conjunto de percussionistas baianos que reforça essa semelhança. O mesmo acontece com "Lembránsa", na qual *(o pianista cubano)* Rober-

ta Fonseca participa. Ela é uma morna cabo-verdiana, que tem praticamente a mesma clave do danzão cubano.

O brasileiro Alê Siqueira assina a produção do CD

A presença do Brasil no CD vai além da percussão baiana. Entre os brasileiros que participam estão Alê Siqueira (produtor), Jaques Morelenbaum (arranjos de cordas), Marcos Suzano (percussão), André Mehmari (piano), Lincoln Olivetti (arranjos de sopros) e Grecco Buratto (autor de uma das músicas).

— Minha relação com música brasileira vem desde crian-

ça, quando comecei a ouvir Jobim e (*Vinicius de Moraes, Caetano, Bethânia, João Gilberto...*)

Autora de três faixas do disco, Mayra compõe ao violão, que não domina ("Me falta disciplina"). Ela conta que ouve de músicos que isso dá a ela uma liberdade para usar acordes incomuns.

— Sonho ser tão compositor quanto sou intérprete — diz. — Componho porque gosto, não porque preciso. Mas canto porque preciso. ■